

# ***Entanglement***

Carlos Rosão

"...spukhafte Fernwirkung"<sup>1</sup>

Albert Einstein

---

<sup>1</sup> “...acção à distância assustadora” – Einstein referindo-se ao *Quantum Entanglement* (Entrelaçamento Quântico) – uma ideia que nunca aceitou.

Inverno. Frio e cinzento.

Sentado à janela do sótão contemplo a chuva gotejando por cima da vida que deambula pela cidade. Este pó, de anos de enclausuramento, perturba-me tal como o tique-taque periódico do relógio de pêndulo da vizinha, mas não tanto como o pensamento de regressar lá fora ao ‘mundo dos vivos’. Sinto-me seguro fechado aqui neste canto com a companhia de aranhas e de outros insectos dos quais não sei o nome. Por vezes penso que também me sinto acompanhado pelas cabeleiras familiares que vejo, dum ponto de vista privilegiado, todos os dias repetirem a sua vida rotineira.

Um arrepio.

Desvio o olhar da janela e sacudo o pó do casaco roto, este é outro dos meus fiéis companheiros (que por me ser tão familiar não referi em cima); agora tem um valor sentimental, acima de tudo, pois já passou por melhores dias a desempenhar o seu papel de protector do frio. Eis que um estrondo seco seguido de um grito provenientes da janela se sobrepõem ao som ritmado das gotas de chuva. Volto-me desajeitadamente de novo para o meu *ecrã do mundo*, tentando não danificar ainda mais o meu fiel companheiro, até que alcanço com o olhar várias pessoas a correr, fugindo dum centro comum, no qual se encontra um grande monte de areia - que em contacto com a chuva se vai transformando em lama. Fecho os olhos e abro-os de seguida várias vezes, tentando focar melhor o monte - este novo ‘objecto’ na paisagem familiar. Finalmente apercebo-me de que existe algo a mexer no lodo. Parece que outros têm a mesma impressão que eu, pois passado o primeiro momento de susto, vejo guarda-chuvas abertos a voltar para o local inicial. Parece-me que tentam puxar algo enquanto escavam a areia caída, que agora já se assemelha mais a uma mistura de lama e de barro. Não consigo discernir os pormenores, mas o choro proveniente lá de baixo leva-me a temer o pior...

Viro as costas à janela, não querendo assistir em primeira mão ao terror que se vai apoderando da maioria das *cabeleiras com pernas*, mas o som é demasiado forte e quase me ‘sufoca’ os tímpanos. Tento protegê-los fugindo para um canto e fazendo força com as mãos sobre as duas orelhas. Parece que estou mais sossegado assim. Até que enfim silêncio; não total, pois ouço a respiração e o bater do coração, mas este é um som ritmado e familiar que não me aviva memórias longínquas como o som sufocante de há pouco...

Deixo o tempo passar, mas não sei a que velocidade, pois sem o som do relógio de pêndulo, as referências temporais do tique-taque perderam-se. A referência restante é o Sol, que em dias de chuva se torna deveras inútil...

Algum tempo depois (tentando não contabilizar), ganho coragem para libertar os meus ouvidos. Desta vez o *timing* parece-me acertado, pois o mundo para lá do ‘ecrã’ está sonoramente calmo.

Aproximo-me de forma a poder fazer uma investigação visual e, para surpresa minha, deparo-me com a noite que chegou enquanto estava refugiado do barulho. O breu não é cerrado, pois existem os candeeiros de rua, tão familiares como as cabeleiras, acesos: 1,2,3,4... Falta um!

Aquele que estava situado numa posição privilegiada, mesmo no centro da praça, e que tinha um brilho ligeiramente mais alaranjado que todos os outros, sumiu, não me permitindo distinguir nada naquela zona!

A chuva regressa, e eu tento manter a calma fixando as gotas iluminadas que seguem a sua trajectória descendente junto aos candeeiros que sobram.

Chove cada vez mais até que, subitamente, a estática do ar é quebrada por um clarão enorme, seguido, passados alguns segundos, por um estrondo não menos imponente. Fico petrificado, não pelo estrondo, mas sim pelo que consegui vislumbrar junto ao centro da praça! É melhor esperar e acalmar os sentidos antes de tirar conclusões precipitadas...

Volto costas ao ecrã e caminho até ao canto deste isolado e poeirento, mas também tão acolhedor, local. Outro clarão seguido de estrondo. Não quero olhar, recuso-me a ver. Vou esperar pela manhã para espreitar, pois tudo isto pode não passar de alguma alucinação provocada pelo cansaço em colaboração com o nervosismo.

Deito-me no chão rugoso de madeira apodrecida, procurando uma posição confortável, mas sempre sem deixar de fixar a parede. Fecho os olhos tentando passar pelo sono.

Estou prestes a entrar em paranóia, pois, por muito que tente, a imagem que vi aquando do clarão não deixa de me invadir a mente! Tenho de esclarecer este assunto, senão nunca conseguirei descansar a mente.

Dou a volta sobre mim próprio, suavemente, e apercebo-me que o som dos trovões parou há algum tempo! (talvez o movimento tenha despertado o cérebro do seu estado latente) Assim sendo, levanto-me e caminho, sempre com movimentos arrastados, ganhando coragem a pouco e pouco para me aproximar da janela.

Debruço-me, quase tocando com a testa no vidro baço, para me deparar com a escuridão profunda apenas quebrada pelos ditos candeeiros. Uma vez que não consigo discernir o que quer que seja no centro da praça, resolvo desenhar figuras desconexas com o indicador direito no vidro que fica embaciado pela minha respiração... Deixo o meu dedo percorrer o vidro, sem sentido nem destino aparentes, deixando rastros labirínticos no vidro embaciado, servindo estes gestos para libertar a mente nos seus pensamentos sobre os últimos acontecimentos. E é durante estas profundas ponderações que, subitamente, o céu clareia e vejo aparecer um relâmpago com ramificações que se manifestam numa forma fractal perfeita! Não tenho tempo para me maravilhar com o espectáculo que a natureza me proporciona, pois, mesmo antes de chegar até mim o som ensurdecedor do trovão, entro em estado de choque causado pela confirmação da minha anterior visão por este brilho prolongado: encontram-se duas charretes 'fundidas' entre si e com o que resta do candeeiro central e, na junção das charretes, para além dos quatro cavalos já mortos, está também o que resta de um corpo humano totalmente esmagado pela força inerente ao choque.

O impacto em mim foi tanto que nem ouvi o estrondo associado ao fractal brilhante, apenas me dei conta dele devido à vibração do vidro e dos meus órgãos internos!

Recuo, pé ante pé, para não perder o equilíbrio, mas a desorientação é demasiado grande e acabo por pisar o meu casaco comprido, o que me faz cair desamparado no meio do chão de tábuas.

Deixo-me estar por tempo indeterminado nesta posição, cujo desconforto provocado pelas tábuas velhas do soalho, já soltas, acaba por servir como fuga mental das imagens arrepiantes. O mal-estar físico não é suficiente para prender a minha mente, ela tende a voltar sempre à imagem anterior. Assim resolvo bater com a cabeça no soalho, suavemente, só para ter algo que prenda as ideias. Resulta de princípio, mas a imagem parece que tem vontade própria e quer sempre intrometer-se! Aumento a intensidade das pancadas, progressivamente...

O que se passou? Tenho a língua que nem um pedaço de cortiça e as minhas narinas têm dificuldades em deixar-se penetrar pelo ar. Parece que adormeci no chão...

Cerro os olhos, demasiada luz, dá-me a entender que a Primavera está a querer aparecer em pleno Inverno. Aguardo que os meus olhos se adaptem à claridade antes de reunir forças para me desembaraçar da posição desconfortável em que me encontro apoiando-me com os braços no chão e erguendo-me com tamanha dificuldade sobre as duas pernas.

Estico os braços para trás, tentando afastar as dores que ainda sinto e o sono que, em parte, turva a minha visão.

De forma a estruturar os pensamentos, caminho em círculos neste pequeno e familiar cubículo. Numa das revoluções, quando me aproximo da parte da 'órbita' mais perto da janela, sinto chegar a mim o som correspondente ao relinchar de um cavalo...

Um dilema apresenta-se perante mim: deixo-me estar sossegado, ou vou espreitar pelo 'ecrã do mundo'? Sinto pavor em repetir as sensações provocadas pelas imagens anteriores, o que me deixa inclinado a decidir pela primeira opção. Por outro lado, o desejo de informação é tão grande, quase irracional, que não resisto a caminhar, pé ante pé, até perto da janela, onde tenho de ganhar novo fôlego para avançar mais uns passos para um local onde consiga finalmente alcançar visualmente o nível do solo...

Começam a aparecer no meu campo visual os topos dos candeeiros, as janelas e portas do rés-do-chão dos prédios antigos do lado oposto do largo e, antes mesmo de conseguir ver o chão, ouço de novo o relinchar; agora de forma mais intensa e prolongada.

Esta vibração sonora actuou em mim quase como um esteróide, pois levou-me a dar um convicto salto em direcção à janela, mesmo a tempo de visualizar o cavalo responsável pelos sons empinado à beira de um buraco sinuoso que se estende ao longo da praça. Os gestos do cavaleiro em desespero serviram para 'espantar' ainda mais o cavalo, de tal modo que num último e poderoso coice expulsou o seu 'passageiro' para dentro do buraco...

À primeira vista a queda não me parece excepcional, mas porque é que tanta gente ocorre ao lugar? Para além daqueles que tentaram acalmar o cavalo, juntaram-se ainda vários transeuntes que se encostaram à beira do buraco e espreitam lá para dentro, inquietos e denotando grande terror, como se se deparassem com o abismo de Tártaro...

O coro de lamentos cresce proporcionalmente ao número de indivíduos que se concentra naquele espaço; sinto-me incomodado pelas lamentações chorosas, por isso volto costas à janela.

Como é hábito, a primeira solução nunca resolve os meus problemas, por isso, com o crescimento da perturbação, sou obrigado a tomar medidas mais drásticas, nomeadamente a tapar os ouvidos com as mãos. Continua a não resultar, pois os choros elevam-se cada vez mais alto ajudados pelo ambiente húmido... Sentindo-me como que possuído, começo a saltar aperiodicamente de raiva chegando mesmo ao ponto de me babar!

Após alguns saltos (o meu estado alterado não me permite contabilizá-los), a sua frequência e intensidade diminuem, fazendo com que a minha possessão momentânea se desvaneça progressivamente!

Assim que volto a ganhar consciência, dou-me conta que, apesar de ter deixado de saltar, as luzes dos candeeiros continuam a mover-se! Um movimento vibratório periódico que faz com que o meu espaço passe de escuridão a luminosidade em alguns segundos.

Corro, alimentado por um misto de curiosidade e medo, em direcção à janela. Primeiro começo a alcançar visualmente os candeeiros emissores de luz, que abanam como varas verdes, e logo de seguida vejo a multidão de cabeleiras numa agitação tremenda. Assim que consigo ver o solo apercebo-me que o chão do exterior está a tremer! É este 'tremor de terra' que provoca o pânico nas cabeleiras, devido à sua proximidade do abismo que

tanto temem. Começo a perceber que têm razões para temer, pois, apesar de a minha observação durar apenas uma fracção de segundo, consigo notar que o seu número se reduziu drasticamente.

O meu movimento direccionado à janela continua a decorrer, como que *frame a frame*, quando começo a ver aquilo que suspeitava: as cabeleiras com pernas a caírem no buraco sinuoso, devido a estarem muito perto dele e não se conseguirem equilibrar com os movimentos estranhos do solo!

Esta visão terrífica causa-me um impacto cerebral tão grande que dá origem a uma descoordenação motora. Apesar de breve, é suficiente para me desequilibrar – uma acção quase reflexo da observada – e provocar um impacto com o cotovelo na janela, que, por sua vez, me atira ao chão de soalho!

Sou atingido por vento frio, acompanhado de gritos intensos que expressam dor e desespero. Ouço-os cada vez mais espaçados, mas também mais intensos, até que por fim se extinguem com um grito muito agudo que se prolonga durante largo tempo.

Este último grito criou em mim uma súbita sensação de arrepio, muito superior àquelas que já tinha sentido anteriormente provocadas pelo frio do vento ou pela chuva.

Só quando me sinto curado deste último arrepio (sem referências temporais, continuo impedido de medir precisamente o tempo passado) é que resolvo levantar a cabeça e inspirar o ar puro que agora emana do vidro partido da janela. Por fim levanto-me e posiciono-me de bruços sobre o vidro partido, mesmo a tempo de contemplar uma praça iluminada pela luz do pôr do sol. Que diferente está ela daquela que me tinha habituado a conhecer! Só existe um buraco escuro (ou vários buracos sinuosos ligados por 'braços', não sei bem), que segue uma curva impossível de descrever – parece que até mesmo os candeeiros foram sugados –, e areia solta, nada de seres vivos.

O sol vai descendo e escondendo-se totalmente na linha do horizonte e, com a chegada da noite, sinto uma vontade incontável de chorar. Os meus olhos encaminham lágrimas pela face que escorrem e pingam pelo meu rosto e queixo!

Manifesto alegria ou tristeza? Não sei! Sinto-me perturbado pelos últimos acontecimentos que presenciei em primeiro plano, como se tivesse feito parte deles de alguma forma, mas também sinto que o meu enclausuramento acabou, não pela janela estar partida, mas sim por uma praça sem vida me agradar como companheira.

Avisto uma chuva de estrelas no céu! São tantas e tão brilhantes. Aparentam descrever trajectórias curvilíneas à medida que progressivamente perdem o seu brilho.

Encaro a chuva de estrelas como um sinal dos deuses e, esquecendo a perturbação mental, fico cheio de forças para partir o que resta da janela e saltar para o solo. Ainda com lágrimas nos olhos, no momento que antecede o salto, sinto a liberdade ao meu alcance e a sensação é tão forte que a minha visão fica turva o que não me impede, mesmo assim, de saltar.

Durante o salto, que me parece demorar uma eternidade, sinto crescer dentro de mim uma sensação poderosa, que parece tomar conta do meu cérebro – penso que seja liberdade, não posso afirmar com toda a certeza, pois nunca a senti em toda a minha existência.

Aterragem perfeita, evitando o buraco sinuoso.

O meu choro permanece ritmado, em sintonia com a chuva de estrelas que continua enchendo os céus de pequenos traços brilhantes...

Sem saber bem porquê, posiciono-me como um feto. Fecho os olhos, tentando assim evitar o choro, todavia a sensação que tomou conta da minha mente parece querer apoderar-se do meu corpo, provocando-me um soluço que, ao dominar a totalidade do meu ser, se transforma num espasmo poderoso alterando aleatoriamente a minha posição e fazendo jorrar, de uma única vez, todo o conteúdo do meu estômago.

Com a fraqueza que começo a sentir, compreendo que este espasmo poderoso terminou as reservas líquidas do meu corpo levando-me a perder a consciência devido a puro esgotamento físico.

Dou por mim deitado no chão húmido com a cara virada para o céu e com os olhos fechados. Sinto a sensação poderosa abandonar o meu corpo pouco a pouco, como se eu fosse um balão roto, até me deixar vazio. Em simultâneo, mesmo de olhos fechados, apercebo-me dum brilho crescente.

Penso para mim: “nascer do Sol no primeiro dia da minha nova vida, em que deixei para trás anos de enclausuramento causados pelo medo e momentos breves de êxtase causados pela sensação de liberdade, sobrando, dentro de mim, apenas um vazio de sensações”.

Resolvo abrir os olhos para encarar o novo mundo com a luminosidade da manhã de forma a ambientar-me à minha existência renascida.

Porém ainda é de noite: a luz que senti de olhos fechados não provinha do Sol, mas sim duma rocha gigantesca e incandescente que, vinda do céu, se aproxima de mim a uma velocidade estonteante! Não sinto nem medo nem alegria, apenas penso:

“Tudo se vai tornar naquilo que eu sou por dentro: vazio”